

N. 18



Bello

Horizonte

Manteiga "Horizontalina"

Fabricada com o puro crême de leite de vacas selecionadas e submetidas a prévia inspecção de técnicos — Pelos mais modernos e aperfeiçoados processos

Fabricada na Fazenda do Capão da Madeira, no município de Pintangui, instalada com o mais higienico aparelhamento

Analizada e aprovada pela Saúde Publica do Estado de Minas-Gerais conforme análise n. 25, de janeiro de 1929, e pela Inspetoria de Fiscalização de Generos Alimentícios, segundo análise n. 14.524, de 13 de dezembro de 1930

Fabricada e distribuida por

Ulysses Vasconcellos

Rua Rio de Janeiro, 1280

Fone n. 2868

Caixa Postal n. 418

Belo-Horizonte

Minas-Gerais

O Bloco das Mimosas Borboletas

Foi na véspera do carnaval que encontrei o sr. Brito. Ele esperava o bonde junto ao Hotel Avenida.

— Boa tarde, sr. Brito!

— Boa tarde!

E, como eu pareça para acender um charuto, o sr. Brito aproximando-se, pediu com humildade:

— O seu fogo, faz favor?

Estava ali há dois minutos, com o cigarro apagado, à espera do bonde e de um conhecido para emprestar-lhe o fogo. O sr. Brito ouviu dizer ou leu num almanaque, que o banqueiro Laffite obteve o seu primeiro emprêgo porque o futuro patrão o viu curvar-se para apanhar um simples alfinete. Então faz economias de caixas de fósforos, de cafés, de engraxate. Pode ser que algum capitalista se aperceba disto e o convide para um alto negócio.

Aliás, há uma outra razão para o sr. Brito agir desse modo: possui duas interessantes filhas, as duas com vinte anos e pouco, as duas caríssimas, as duas impondo uma importância social que está em absoluto desacôrdo com o modesto cargo que o sr. Jocelino de Brito e Sousa ocupa, silenciosamente, no Ministério da Fazenda.

Eram cinco e meia da tarde.

Como a multidão nos oco-tovellasse, convidei o sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana. O sr. Brito, aceso o seu cigarro, principiara a lamentar-se; e a conversar; ainda que fastidiosa, excitava a minha curiosidade.

Osr. Brito é dos homens mais notáveis da cidade. Eu é que sei. No entanto, ninguém lhe dá importância. Tem uma obesidade caída, um desanimo balofo, um desacoroçoado geito de velho funcionario pobre que se desespera em casa com as meninas. As meninas querem vestidos, precisam frequentar a sociedade, consomem-lhe todo o ordenado. Ultimamente, deram para um furor de luxo que não tem medida. E o sr. Brito, triste, cogitativo, ainda sempre assim, de fazer dó: os braços cheios de em-brulhos, o paletó-saco poe-riente, os cabelos grisalhos esvoaçando-lhe pelas orelhas, sob o chapéu de palha encardida.

— Sr. Brito, um vermute.

— Acho bom, doutor, acho bom.

Tem um pormenor impressionante no rosto: as sobran-celhas muitos peludas, tam-bém grisalhas, como que enfa-

Ribeiro

rinhadas de cinza. São agres-sivas as suas sobrancelhas.

Na pessoa mansa do sr. Brito, esse ponto enérgico é unico, isolado. Tirando as so-brancelhas, todo ele é do-çura.

A pêndula do bar martelou seis horas. O sr. Brito, que ia engulir o vermute, teve uma indecisão, o calice suspenso á boca.

Li nos seus olhos inquietos esta frase: "As minenas estão á minha espera".

Exatamente. O sr. Brito bebeu o gole e disse:

— As meninas estão á mi-nha espera.

Ah, a minha feroz alegria! O sr. Brito é assim: um ho-mem que eu, há tempos, ve-dando. Tomando posse da nho surpreendendo, desven-sua individualidade sem re-sistência. Estou a ponto de "saber" todo o sr. Brito. Há ocasiões em que, encontran-do-o, digo para mim mesmo: "Ele vai falar-me de um ar-tigo tremendo que saiu hoje contra o presidente da Repu-blica na "Vanguarda". E' delicioso: o sr. Brito depois de me apertar a mão põe-se a conversar sobre vagas cai-sas e, de repente, como se obedecesse ao meu comando, pergunta:

— Leu hoje a "Vanguar-da?" Que artigo tremendo! Que horror!

—

— Tome outro vermute, sr. Brito.

Sacudi a cabeça que não. — As meninas devem estar impacientes.

— E como vão elas?

— Assim, assim. O senhor é que não quis mais aparecer? (Ele pergunta isso sem o menor interesse oculto. Sa-

Couto

be perfeitamente que não pretendo casar-me.)

— Muito serviço, não cal-cula.

— Mas aos domingos, dou-tor!

Uma vez ou outra! Dá-nos sempre muita honra e prin-cipalmente muito prazer.

— Obrigadinho, obrigadi-nho.

Hei de aparecer. O senhor sabe que aprecio muito as suas meninas.

— Elas são boasinhas, isso é verdade. Gostam de diver-tir-se, de dansar, de brincar. Não pensam na vida.

Não pensam na vida! Para os seus olhos de pai essas du-as interessantes princezas de arrabalde não pensam senão na vida! Tratam exclusiva-mente de suas preciosas pes-soinhas, dos seus preciosos projetos de casamentos, do seu precioso luxo que custa as lagrimas secretas do pai desconsolado.

— Faça favor, beba outro.

Aceita. E expõe o seu caso de hoje, o caso que eu há vin-te minutos estou esperando, como um caçador mau, de emboscada:

— Não avalia as dificulda-des que passei de outem para cá! Imagine que era necessa-rio arranjar um conto de réis e eu não encontrava agiota nenhum que me quisesse em-prestá-lo. Afial, sempre con-venci o Moraes, aquele da rua da Misericórdia, que por si-nal todos os meses já me roe metade do ordenado. Esta vi-da, meu caro doutor!

— Sei o que ela é, sr. Bri-to. Eu também tenho os meus apertos.

O vermute o perturbou um pouco, predispondo-o para a confidencia. Continuo insinu-

anda a expansão, pelo meu ar atento, pelo meu todo so-lícito, pelas minhas frases curtas que deixam sempre uma ponta para o sr. Brito emendá-la com o que tem no intimo.

— As minenas morreriam de tristeza se eu não conse-guisse nada.

— Ah!

— O senhor sabe, são mo-ças, querem divertir-se.

— E' natural!

— O carnaval faz todo mun-do perder a cabeça. O senhor compreende: qual é o pai que numa ocasião destas não fa-rá um sacrificio?

— Justo?

Pedi mais dois vermute ao garçon.

— Esses empréstimos aba-lam muito a bolsa de um ho-mem, sr. Brito.

— Um horror. Não fale.

— Mas obtete, então?

Toma um gole. Chupa os beijos, enxugando-os. E de-sabafando:

— Ah, felizmente!

— Meu parabens sinceros.

Sorriu, feliz. Seus olhos, debaixo das sobrancelhas crespas e peludas, cintilaram contentes. As filhas morreriam de tristeza se não tivesse arranjado! Tomou outro go-le.

Tive uma sensação inefavel de haver ganho a tarde.

— Sr. Brito, há de me dar licença...

— Pois não, pois não!

Paguei a despeza, levantei-me.

Ele bebeu o resto do cáli-ce e levantou-se também, so-braçando os embrulhos. Sen-ti que ia dizer-me qualquer coisa ainda sobre as meninas, sobre o carnaval, sobre aque-lles embrulhos, sobre o em-prestimo...

— Mas estão ansiosas. Está vendo isto? São as fan-tasias que já haviam esco-lhido na cidade. E caixas e lança-perfume. E confe-ti.

— E serpentinas.

— Tudo!

O sr. Brito, na sua ternu-ra, ter-me-ia braçado se não fôram os embulho.

— Não sabe o que é ter duas filhas, dois anjus como eu tenho!

O bonde da Gavea para-para o assalto dos passa-geiros. O sr. Brito ia pre-cipitar-se, mas uma idéia lhe fusilou no cérebro:

— Não quer tomar parte na bloco das minenas?

Desta vez o sr. Brito me

apanhara de surpresa. Não

Agora, com o verão, V. S. deve procurar um lo-gar agradável para passar algumas horas durante o dia.— Esse lugar é o

BAR BRASIL

a casa elegante de nossa capital

BAR BRASIL

no andar terreo do Cine Theatro Brasil

Nas vesperas e durante o carnaval BAR BRASIL

gostei. Aquilo me escapara.

— Ah, elas organizaram bloco este ano?

— Alugamos um auto-caminhão. Elas se lembraram do senhor, mas tinham perdido o telefone da sua pensão. E eu ia-me esquecendo, que cabeça! E' o Bloco das Mimosas Borboletas. Então, vem?

O bonde partia, campainhando.

— Telefone para lá!

Falou isso correndo, querendo voltar a cabeça para mim e ao mesmo tempo preparar o pulo sobre o estribo. Pulou. Dependurado, com os embrulhos lhe atrapalhando os movimentos, era sublime o sr. Brito. E o bonde virou a esquina da rua São José, levando a bondade, a ventura, o êxtase daquele pai. O Moraes, da rua da Misericórdia, estava na porta da Brahma, torcendo os bigodes.

Devo tomar parte no Bloco das Mimosas Borboletas?

Quarta-feira de Cinzas eu entrava tranqüilamente num café quando o sr. Brito surgiu, subito. Quasi nos abalroámos.

— Oh, sr. Brito! Vamos a um cafézinho?

Extendi-lhe o braço procurando envolvê-lo pelo ombro. Ele tentou equivar-se esboçando uma recusa frouxa. Insisti com veemência e

Observei-lhe que o lago da gravata estava desfeito. Teve um gesto nervoso, apalpano o colarinho e o peito da camisa, com ose aquilo lhe tivesse feito lembrar qualquer coisa desagradavel ou dolorosa.

Tive receio de pensar o que ele iria dizer-me... Aquelle desleixo na gravata era significativo. Eu sabia que era Lalá, a mais velha, quem lhe dava o nó, todas as manhãs. Ele ia dizer... Não, o sr. Brito dessa vez não disse nada.

Então puxei conversa.

— Divertiu-se muito no carnaval?

Deu de ombros molmente, num desanimo de vida. E, puxando um cigarro de palha do fundo do bolso do paletó, fez-me com os dedos trêmulos o gesto de pedir fosforos.

Minutos escoaram-se. Não tínhamos assunto. Era mais prático nos despedirmos.

— Bem, sr. Brito, vou aos meus negócios.

Segurou-me pelo braço. Tive um choque. A revelação ia sair.

Passaram-se ainda uns momentos de silêncio. Perguntou-me, enfim:

— Porque não quis tomar parte no nosso bloco?

— Ora sr. Brito, eu não sou carnavalesco. Acredite: não sai de casa os três dias.

— Porque lamentei, lamentei muito a sua ausencia.

— Ora, por que, sr. Brito?

— O senhor é um moço serio. Se o senhor tivesse vindo, olharia pelas minhas filhas.

Senti um susto e uma pérfida vontade de rir. Tive a impressão do ridículo e ao mesmo tempo de um vago drama palpitante. As sobran celhas do sr. Brito, um instante fitas em mim, moviam-se agora acompanhando um tique nervoso de piscar, indicio de comoção.

— Muito agradecido pela confiança, sr. Brito. Porém, não sei se sou digno.

— Sei eu, sei eu.

Comecei a ficar impaciente.

— Que houve de extraordinario, sr. Brito?

— Imagine o senhor que hontem, ultimo dia, como estivesse com os meus rins muito doloridos não pude acompanhar as meninas ao carro. Sabe, os meus rins...

— Sei, sr. Brito.

— O bloco era grande, umas trinta pessoas. Enfim, havia o Gomes, da minha repartição. O Gomes com a senhora. Fiquei tranqüilo por esse lado e confiei-lhe as meninas. Sabe, os rapazes me pareciam distintos, mas nunca é bom confiar demais.

— Claro.

— Pois meu caro, não lhe conto nada: até esta hora as meninas ainda não voltaram.

— Oh, sr. Brito!

— O Gomes está abatido. Diz que não sabe como é que elas lhe escaparam das vistas.

No rosto tranqüilo do sr. Brito os olhos, sempre doces, faiscaram de dor. As sobran celhas tremeram-lhe.

— E' verdade o que me diz?

— Des-gra-ça-da-men-te!

Caiu-lhe a cabeça sobre o peito, no desconso da calamidade. Não tendo o que dizer (e já um pouco arrependido de não haver tomado parte no bloco, mas por motivos inconfessaveis) reuni todas as minhas cóleras contra aquele Gomes:

— Porém, sr. Brito, êsse sujeito, êsse Gomes, é um patife!

O sr. Brito fez com a cabeça que não, que o Gomes não era um patife. E disse devagar, com tristeza:

— A mulher dêle também até agora não chegou em casa.

—|—

Iamos pela rua cheia de povo barulhento e feliz.

— Sr. Brito, cuidado com êsse auto.

Atravessámos.

Eu tentava qualquer coisa em prol daquela dôr:

— Sossegue. Elas dormiram com certeza em casa de amigas.

— Ninguém sabe delas.

— Paciencia, sr. Brito, paciencia. Talvez já estejam em casa, até.

Barafustámos por um telefone publico. Esperámos um momento até que d. Candinha (irmã solteirona e velhusca do sr. Brito, que criara as meninas, sem mãe, desde cedo) atendeu do outro lado do foi.

— Elas já chegaram? — rompeu o sr. Brito, com a voz gritada e comovida, ansioso da resposta.

Largou o fone no gancho, sem animo.

— Vamos embora, doutor.

Não apareceram!

Não ha noticias!

E fomos para o (Jornal do Brasil). No balcão da gerencia o sr. Brito redigiu com letra trêmula o anuncio: (Um conto de réis — Gratifica-se com um conto de réis a quem der noticias positivas sobre a paradeiro de duas moças que ante-hontem, vestidas a seculo XVIII, tomaram parte no Bloco das Mimosas Borboletas, da Gavea. Dirigir-se á rua Republica de Andorra, n. 7.)

O empregado do jornal pegou o anuncio, leu-o, teve um ta.

sorriso discreto e fez a conclusão e sahimos.

Na rua teve uma idéia repentina:

— E' verdade, onde vou

buscar outro conto de réis?

E a sua doce pessoa crispouse de angustia.

Ao nos despedirmos, ele genixou-se de uma dôr de cabeça. Parou um momento levando a mão á testa. E, subito, amontoou-se na calçada. Eu não tivera tempo de ampara-lo. Então, com esforço, suspendi aquela massa pesada. Pessoas que passavam me ajudaram. Esteva morto.

Seu carável foi no automovel da Assistencia Publica para casa, depois das formalidades legais.

Acompanhei-o.

DA TEMERIDADE

Porque um acto de coragem seja digno de apreço, não se vá por isso deixar de indagar as suas causas. Em determinados momentos, elle não passa de temerario.

O arrojo com que algumas pessoas se lançam a certos empreendimentos, sem meditado exame, tem levada não poucas ao precipicio em que se debatem por toda a vida, quasi sempre sem nenhuma esperança de salvação.

Ha pseudo-déstemidos que se arriscam a empresas difficeis, conduzidos pela vaidade de fingir ao proximo um feito differente do seu. E essa falsa demonstração, empregada para fins de importancia inferior, é facilmente descoberta, pois que vae attingir directamente os mais fracos. E' uma modalidade do espirito temerario...

Alexandre Passos

Peca ao seu Fornecedor

O AFAMADO DOCE DE LEITE MARCA

“J E C A”

Fabricado na “Granja Nathalia”

Caethé

E. F. C. B.

Pelo Telephone... Chronica CINEMATOGRAFICA



Eu ainda deixo de escrever esta chronica; não posso mais com isso; cadê o tal de zumbido característico? Arre, até que enfim. 22... triim... triim... triim... triim...

Será que não ha ninguém em casa? agora.

— Prompto.

— De onde falam?

— 22...

— E' você? ou não é você?

— Sou eu mesma. E você é você mesmo?

— Uma pergunta. Vocês estão todos dormindo nessa casa?

— Por que?

— Ha duas horas que a campainha está tocando e ninguém atende. Não fosse eu ter negocio urgente para falar com você e teria desistido.

— Quer dizer que você não pode esperar dois minutos até que eu atenda, não é?

— Ai minhas encomendas. Tem paciência, filha, não vamos brigar hoje não, sim? Eu já ando cansado de briga. E além de tudo, noto sempre que você faz pouco caso dos meus nervos. Estou, esta ultima semana completamente desequilibrado.

Você já leu "Les Possédés", de Dostowsky? pois eu estou assim. Não sei como ainda consigo dizer coisa coisa com coisa. Verdade que não é sempre que isso acontece. Mas a maior parte da culpa, cabe exclusivamente a você.

— A mim?

— Sim. A você. Você tem judiado muito commigo. Isso não se faz. Além disso, pensa que eu não soube do que aconteceu na ultima batalha (?) da Parauna? Sei sim senhora. E não pense que estou com ciúmes. Não

eu não tenho disso, nem lhe dou tanta confiança. Era só o que faltava, ter ciúmes de você.

— O que que você viu hoje? Já está maluco de todo? Eu não fui á Parauna.

— E' sempre a mesma coisa. "Não era eu". Você já não me enganou uma vez. Eu acreditei porque eu é que tinha visto. Como não enxergo, concordei. Mas dessa vez, que viu não foi eu, foi alguém que enxerga muito bem, portanto só me resta propor a você uma coisa.

— O que?

— Armistício até quarta-feira de cinzas. Daqui até lá eu vou mostrar a você o que é um folião authenticico, desses que esquecem de tudo. Vou ter a coragem inaudita de me esquecer de você durante um mez. Isso é o cumulo, principalmente porque você sabe que se ha alguma coisa deste mundo de que eu gosto, é você.

— Você já começa?

— Já. Olha, aquelle negocio de Papae Noel no outro dia, não deu certo. O velho me tapeou redondamente. Eu fiquei a sua espera e você não veio.

— Não fui, não vou, não irei. Desiste desse negocio. Já falei com você que como amigo, você é optimo, mas como namorado, você é de um pieguismo doentio e insuportavel.

— Obrigado pela gentileza.

— Não se zangue. O que eu não posso admittir é que haja mal entendidos entre nós. Quero que a nossa amizade continue sempre, mas, somente como amizade.

— Não se pode ter simples amizade por uma mulher bonita e de olhos como os seus. Não sei si já lhe disse que quando você me olha tenho a impressão de uma carícia de velludo. Que olhos você tem!

— Até amanhã meu amigo. Você hoje está insuportavel.

— Insuportavel não é bem o termo. Eu hoje, estou burrissimo. Portanto, até...

— Até...

PARSEVAL

Os cinemas da Capital têm um horario para dar começo á sua primeira sessão. Entretanto, elle não é obedecido á risca, como devêra ser. Porque, afinal de contas, Bello Horizonte não é nenhum logarejo do interior, onde se condiciona o inicio das :soirées" á circumstancias de haver um determinado numero de pessoas para assistil-as.

Póde objectar-se que a hora estabelecida é ultrapassada apenas de alguns minutos: três, cinco, oito, no maximo dez. E que esse tempo suplementar é muito insignificante para que valha, ao menos um aborrecimento.

Não procede o argumento. Via de regra, a gente entra no cinema á hora exacta de principiar a sessão. E' um costume pratico, comodo, seguido pela maioria. Para isso é que se usa relógio ou se consulta o regulador publico. Para evitar longas esperas, durante as quaes o unico passatempo seria mirar as paredes, de vez que é pouco recommendavel, social e elegantemente falando, ficar-se a olhar para trás, para os lados, revistando as pessoas presentes.

Acontece que o cidadão compra o ingresso, e, quando a projecção está para ser iniciada, entra. Qual a sua decepção, porém, ao vêr que a sessão não começa! E são varios, longos e enervantes minutos de espera, que a gente supporta sem prazer nenhum, até que as luzes se apaguem. E a gente assiste á passagem do film mal-humorado já. Era uma vez um divertimento, porque o espectador, nesse estado de espirito, não acha graça alguma no filme. Este, que é, talvez, uma boa produção, se transforma em pessima pellicula, tudo isto graça a condição psychologica do assistente, a mais impropria possivel.

Ora, torna-se necessario que os gerentes dos cinemas da Capital tomem uma medida energica para que cesse a irregularidade acima re-

ferida. Quando não por outros motivos, ao menos zelando pelo bom nome dos estabelecimentos, comprometido com esse atraso commumente verificado no horario de inicio das "soirées", irregular e desagradavel.

Por varias vezes, temos recebido appellos no sentido de chamarmos a atenção dos seus responsaveis para esse facto. Preferimos verificar a procedencia da reclamação, que não é destituida de verdade. Assim, esperamos pelas providencias a serem tomadas.

BIMBO.

Uma Legenda

Fui outro dia visitar o Juca. Muita gente não sabe quem é o Juca. Ele mesmo não se conhece. Mas eu o conheço; eu sei que ele é o Juca.

Rapaz novo (não extranham que haja "rapazes novos"; hoje ha muito rapaz de idade) o Juca é um artista.

Desenha. Pinta. Borda. Caricatura.

Esse gosto pela arte o Juca deve-a a um caso de amor.

Apaixonou-se por uma pequena da vizinhança que pinta frutas e flores, mas que não sabe fazer a cama em que dorme.

O Juca, por emulação deuse ao desenho. E hoje é um interessante caricaturista. A menina gosta dele, por isso e por outra coisa que não se pode dizer.

Visitando o Juca, encontrei-o atrapalhado com uma caricatura feita um pouco a esmo.

Era um casal, de um lado, em idillo, e outro casal, á direita, em attitude de briga e discordia.

— Vês, disse o Juca, não sei que legenda ponha nesse desenho.

Eu me lembrei da pequena do Juca e tive uma ideia.

Escrevi por baixo.

"O amor é assim. Começa no cafuné e acaba no bofetão!

O Juca riu e guardou o desenho.

ANDRADE

ALFAIATE

BELLO HORIZONTE

MEGAPHONE

FREDDY (B. H.) — Você não incomoda, pode aparecer sem cerimonia. Demais, agora, que nos conhecemos pessoalmente, já sabe quem sou e como sou. Agradeço suas referencias e seus bons votos. Seu "bilhete" sahirá como pede. A collaboração tambem.

JULIO DE GERSON (B. H.) — Você fez muito bem em apparecer. Fez bem, do mesmo modo, não me confundindo com os "tantos outros". Aquellas expressões minhas, a que se referiu, são sinceras. Não sou, mesmo, "mestre" de coisa nenhuma. Nem estylista, nem nada. Escrevo umas coisas e, aqui, sou um simples amigo para os moços que, escrevendo, desejam orientar-se, desejam os conselhos de uma experiencia. Não tomei esta secção para fazer pilherias á custa dos outros, nem para bancar o sabeludo. Tambem, não sendo critico literario, não faço critica. Faço indicações. Tenho mais treino que vocês e ahi está a minha unica qualidade — e, essa mesma, cacophonica como vê pelo "ca...qua" acima... Tenho mais tempo de jornal: sei "como se deve fazer — embora possivelmente não saiba fazer... Sei "porque" se deve fazer tal e não qual — embora nem sempre respeite, eu mesmo esse "porque"... Dahi, talvez, ser util a vocês...

Agora, ao que lhe interessa. Você tem geito e deve escrever. Creio que v. é mais poeta do que prosador. "Sente" com mais força do que "pensa" e do que "imagina". Assim deve procurar a forma poetica. Apural-a. Fazer uma cultura bem orientada, lendo os poetas de sua estirpe: Ribeiro Couto, Manoel Bandeira e outros poetas como estes. E não tome nenhum preconceito, nem o passadista, nem o modernista que, ambos, não passam de preconceitos mesmo. Procure sim, o rythmo e a harmonia para objectivar a sua emoção.

Além disso, você deve tambem, estudar um pouco da lingua. Ninguém exige uma lingua classica para a poesia de hoje. Mas, tambem não é possível tolerar o solecismo barato. Escrever certo não é escrever difficil. Notei, no seu trabalho em prosa, coisas assim: "... ingressei-me por aquella paisagem". É um erro banal, uma expressão que, em estylistica se chama "vulgar".

Cure-se desses defeitos minimos pelas leituras, evitando ler traducções que (falo por experiencia) é onde mais nos viciamos nesses erros.

O seu poema não é mau, mas é fraco. Não desejo publicá-lo. Essas historietas de

MEGAPHONE é uma pagina para consultas e informações, materia a que não pomos restricções, a não ser, é claro, os limites do bom senso e da moral.

Fazemos um largo espaço ás consultas sobre literatura e mundanismo e procuraremos orientar e incentivar as vocações literarias.

Gostaremos que os poetas e prosadores nos enviem suas produções que, uma vez merecedoras, nesta revista terão um lugar de honra.

Para uma consulta destinada a esta secção, com ou sem remessa de collaboração, nossos leitores devem juntar o coupon abaixo, dirigindo suas cartas a GUY, nesta redacção.

amor, esses "petit rien" do amor precisam ser muito bem "tratados" para poder interressar: Paul Gerald, Guilherme de Almeida, Godofredo Telles, Julio Cesar e outros menores já disseram tudo o que é possível dizer entre um chá-das-cinco e um "boudoir", no fundo de um automovel ou no recanto de uma "garçonniere". A pagina de prosa é muito original. Tambem está mal tratada. Senti que você não teve ainda vigor para dominar o seu assumpto. e mais — que elle lhe ficou por influencia de um conto lido, não foi?

No seu proprio interesse, reservo-me para publicar outros trabalhos que me mandará sem cerimonia, dispondo com franqueza desta secção.

MORAIS DE CASTRO (B. H.) — Não me agradaram os seus poemas. Mande outros, querendo.

ROLANDO CANDIANO (B. H.) — Sua pagina não está mal. Vae sahir.

EFE (B. H.) — Está bem. Sahirá.

N. O. L. (B. H.) — Prometti-lhe que leria os seus versos. Apenas iniciei "A

dansa das deusas", vi que não pagava a pena. Nesse poema, v. escreve:

"Numa linda tarde, amenissima
[ma, de Maio,
Quando, esplendente, o sol,
Colorista genial, em languido
[desmaio,
Fulgia no arrebol".

De modo que basta esse *arrebol na tarde amenissima* para ver que a rima está forçada, o verso vulgar e a musa fraca. Experimente. E, ás suas ordens.

H. P. S. (B. H.) — O seu

COUPON PARA "MEGAPHONE"

Nome ou pseudonymo

Data da remessa

"conto" e o seu "Passaro liberto" não servem.

BENTO GONÇALVES (B. H.) — Teremos muito prazer em auxiliá-lo. Porém, os seus "versos sem rima" não servem mesmo. E, um aviso: quando escrever para a im-

prensa, escreva só de um lado do papel e de maneira mais clara do que fez.

CYMENE (B. H.) — O bilhete, sem o "coupon" de remessa vae sahir. De outra vez, não se esqueça de recortar o coupon, juntando-o á sua carta. E, um conselho: não se suicide... Se o R. ficar bancando o importante, procure outros R, outra letra qualquer, G, por exemplo...

PRINCIPE (B. H.) — Vae sahir.

G. P. C. (Academia dos Novos) — Vae sahir.

A. S. (Capital) — Recebi sua carta. Agradecido, agradeço... Você me confunde com as suas gentilezas. O Augusto tomou conhecimento da referencia. Mas, por favor: não insista com o "mestre" — salvo se você, que me conhece, se refere ao tempo em que fui professor de inglez... Sim, gostaria que você "a" trouxesse de novo... Realmente ella não pode desaparecer... Seu presente só pode me penhorar.

ALEXANDRINO SOUTO (B. H.) — Vou ler.

PAUL (Capital) — Essa sua letrinha, sr. Paul... Você é Paul mesmo, ou é... Paulette?... Vou ler, vou ver sua *Hypocondria*...

GUILHERME SILVA (B. H.) — Realmente v. não tem tido "chance" com os poemas. Mas, não se impressione, porque nem sempre o de que não gosta é ruim... Uma andorinha só não faz verão, nem apenas uma opinião pode valer como critica: é engano de vocês, se interpretam a minha apreciação pessoal como a ultima palavra. Insista, trabalhe, leia, procure corrigir-se. Assim é que deve ser. Sua prosa está boa e ingenua. Vejo que é "mais feliz", fazendo prosa. Continue. No mesmo tom.

R. C. (Academia dos Novos) — Nada tem a agradecer. Pode usar o titulo. Apenas, acho que elle nada acrescenta ao seu valor proprio. E continue. Obrigado pelos bons votos.

BREMENSE

Popular cerveja preta deliciosa, nutritiva e fortificante, o resto é conversa.

BELLO HORIZONTE

BELLO HORIZONTE

Direcção de AUGUSTO SIQUEIRA

Anno I

Revista semanal literaria e noticiosa

Num. 18

Bello Horizonte, 19 de Janeiro de 1934

AVENIDA

*Toque ao P. P. toda a politiquice
Feita de passes e de malandrice.*

*O povo austero não quer mais pilheria
Prefere o carnaval que é coisa séria...*

*A alegria expontanea que ha na rua.
Até nas almas tristes se insinúa.*

*Flores da Cunha é a fera. o ban-ban-ban:
Dessa fuzarca toda é elle o jazz-band.*

*Antonio Carlos fino e arguto assim,
Fica bem travestido de arlequim.*

*José Americo é fero, é sisudão,
Da alegre symphonia é o fábordão...*

*O Oswaldo a matutar num sonho que falhou
Da civica fuzarca é elle o pierrot.*

*A Republica é a linda Colombina,
Voluvel, falsa, astuta, agil e fina.*

*Passa de mão em mão... Tem graça, tem,
Sendo de todos não é de ninguém...*

*No carnaval, lourinha, tenha tento:
Custa bem caro um arrependimento...*

*O Amor, no carnaval, dura tres dias:
Em Cinzas, se transforma em cinzas frias...*

*O ether, o tango, a orgia de pandeiros
Nunca são de virtudes conselhereiros...*

*No carnaval o demo, fino e astuto
Da semente plantada colhe o fructo...*

*No pé da macieira é bastante um empurrão:
— As maçãs rolam todas pelo chão...*

*Arrastar a sandalia é bom... Você precisa
Somente vêr onde a sandalia pisa.*

*A serpentina, ás vezes laça a gente
Com a força e com o vigor de uma corrente...*

*Com o calor e o perfume o barro humano aquece
E depois de aquecido elle amolece...*

*Mas que vale, emfim, o carnaval
Si temos o Edgard e o Codigo Penal...*

*Carolina,
Carolina
Vai dizendo, por favor,
Carolina,
Carolina
Si você me tem amor...*

*Carolina
Por você
Muita gente vai brigar,
Você tem não sei o quê
Que quem passa olha p'ra traz...*

DOM

RU Y



Dr. Carvalho Britto

Fez annos a 17 do corrente o sr. Carvalho Brito.

Na historia politica e economica de Minas, o nome desse notavel varão marca uma epoca de realizações e de



idealismos que difficilmente encontra simile, já pela bravura e pela nobreza que sempre impulsionou o seu braço de lutador, já pela elevação e o desinteresse com que sempre se bateu pelos altos interesses da Patria.

Politico, industrial, homem de sociedade, banqueiro e chefe de familia que conserva as velhas virtudes dorsais do caracter mineiro — S. Excia. é bem o gentleman, no qual se apoia a maravilha da organização social ingleza.

E' que S. Excia., sendo depositario dessas virtudes, as virtualiza com o traço de bondade humana, que differencia no Brasil a civilização que estamos construindo, paciente e conscientemente, aquem da Mantiqueira.

O sr. Carvalho Brito está dentro da concepção moral que o mineiro resumiu nesta frase: é um homem de bem.

Administrador, S. Excia. foi o nome de vanguarda na administração de João Pinheiro — esse desconcertante phenomeno de patriotismo, de honra e de bravura que floresceu no grande deserto moral do Brasil.

Depois da Monarchia, a reforma da instrucção que o sr. Carvalho Brito realizou em Minas, constitue a unica realização séria que se fez no genero em nosso paiz.

Politico, a grande epopéa

da campanha civilista encontrou no seu patriotismo um paladino aguerrido e nobre, quando os bacurãos do poder não mediam instrumentos para suffocar a grande voz evangelizadora de Ruy Barbosa. E a sua attitude, quando o paiz já se precipitava no abysmo em que bracejamos, é de hontem para que nos alonguemos em detalhes que são do conhecimento de todos.

Industrial, o mais rancoroso inimigo de S. Excia. não pode negar honestamente a sua preocupação e a sua capacidade de realizar, fundan-

do a Cia. Viação, Força e Luz, que desde os primeiros dias da Capital propiciou a Bello Horizonte o seu florescimento. E não pode tambem esquecer esse assombro de organização que é a fabrica de tecidos do Marzagão, onde se conjugam a capacidade, o sentimento e o patriotismo, com o fim de atingir a finalidade da riqueza, que é o trabalho servindo á Patria e á Humanidade.

Só essas duas qualidades, que ornarn a sua inconfundivel personalidade bastariam para fixar, numa terra orga-

nizada, o nome de um cidadão no coração do povo.

E, por esse senso divinatório que palpita inconscientemente no seio das massas, é que durante todo o dia 17 o palacete de S. Excia., na rua Espirito Santo apresentou o aspecto de uma cathedral de gratidão e civismo, onde os peregrinos da salvação nacional vão beber novo alento para supportar o castigo de proscricção que pesa sobre a alma nacional.

BELLO HORIZONTE levou a S. Excia. o seu abraço de felicitações.



Faz favor seu Pedro

deixa eu entrar no ceu.

Nunca matei ninguém

nunca roubei de ninguém

nunca xinguei ninguém

nem nunca me suicidei.

Deixa eu entrar no ceu

meu amigo Pedro Vaz.

O senhor compreende

a gente pai de familia

ganhando uma ninharia

os filhos sempre doentes

a mulher sempre exigente

o homem da prestação

a Mineira dá pra todos

mas só não dá pra mim.

Faz favor amigo Pedro

deixa eu entrar no ceu.

ENTRE COMADRES

— Que massada. Lavei a roupa nova que comprei para o meu pequeno e encolheu de tal modo que não lhe serve mais. Dinheiro posto fóra.

— E não há meio de aproveitar a roupa?

— Não. Ficou muito curta e apertada.

— Pois lava o rapaz tambem a ver se ele encolhe.

A OPINIÃO

— Desculpe-me. Mas eu já ouvi o senhor dizer justamente o contrario do que está dizendo.

— Eu?

— Perfeitamente. Há dias o senhor afirmava que o Brasil era um acampamento de aventureiros, um refugio de piratas, uma terra de ladrões, etc.

— Mas tem certeza de que fui eu mesmo quem disse isso?

— Absoluta certeza.

— Então o senhor não me conhece. Diga: quem sou eu?

— E' o capitão Zé Lucas.

— Vê, como o senhor está enganado? Não sou mais capitão: já fui desde ante-ontem promovido a major.

A Justiça é a primeira virtude d'aquelle que manda e a unica que detem as queixas dos que obedecem. — Diderot

Senhoras, leiam isto

PRATOS SUBSTANCIAES

SÃO SEMPRE OBTIDOS COM
O USO DAS DELICIOSAS
MASSAS COM OVOS



AYMORE

The Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries, Limited
"MOINHO INGLEZ"

Agente exclusivo da (Biscoitos Aymoré Limitada
(Massas Alimentícias Aymoré Limitada

CURITYBA 434/444

FONE 1450

Farinha de Trigo: Buda Nacional, Nacional e Soberana
Farelo, remoido, farelinho e triguilho

Peçam sempre

MASSAS AYMORÉ'

Cecilio Fagundes

E' facil de explicar a presença do sr. Cecilio Fagundes entre nós. Um dia o general Flores da Cunha o chamou e disse:

— Fagundes amigo, você quer ser deputado?

Apesar da insistencia do

contrario, sente-se bem entre nós.

Apesar de ainda crer na existencia da Alliança Liberal, o sr. Cecilio Fagundes continúa a ser um homem do dia. As suas idéas do passado soffrem um combate per-



(visto por BIGI)

convite, o sr. Cecilio Fagundes recusou a offerta do chefe gaúcho. E respondeu-lhe:

— Não quero ser deputado, nem coisa alguma. Desejo ir para Minas Geraes. O dinheiro aqui me faz mal.

E embarcou para Bello Horizonte.

De facto, cumpriu a sua promessa. Installada a Loteria de Minas, começou a distribuição de dinheiro. O dinheiro lhe fazia mal, no Rio Grande do Sul. Não é vantagem alguma ter fortuna onde não ha pobreza.

Ao contrario do que aconteceu com todos os outros homens dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas e Parahyba, o sr. Cecilio Fagundes não se enqueceu da aliança feita na hora do perigo. Continuou a ser um amigo dedicadissimo do nosso Estado. O Rio Grande do Sul é para elle como uma recordação da infancia. Isto é: a lembrança da sua cidade não o afflige. Não vive a citar a sua terra, como os nortistas fazem com Sergipe, Maranhão e outros logares á espera de açudes. O sr. Cecilio Fagundes não incommoda a nossa gente com a sua saudade. Ao

manente, feito pelos amigos. De resto, a sua "baratinha", percorrendo sempre a cidade ha de pô-lo novamente em contacto com a nossa época e com a nossa orientação politica, que se caracteriza exactamente pela falta de rumo.

O dr. Pedro Rache, que é tambem gaúcho, e auctor de uma theoria mecanica sobre o equilibrio dos tres poderes constitucionaes, já observou o desequilíbrio que ha entre a "baratinha", o dinheiro e estatura do conhecido homem da Loteria de Minas.

O sr. Cecilio Fagundes é alto e prospero. Quando está com o dinheiro no bolso, mal cabe dentro da sua "barata". Os amigos querem entrar no carro e não ha lugar para elles. Dahi a observação do dr. Pedro Rache.

Effectivamente, ha um desequilíbrio de poderes. O sr. Cecilio Fagundes precisa pois, para attender aos amigos, que insistem em permanecer mais tempo ao seu lado, comprar com urgencia um auto-omnibus.

Tendo vindo já adulto para Bello Horizonte, o sr. Cecilio Fagundes é, no entanto, mais conhecido até do que muitos

Companhia Parque da Varzea do Carmo

A inauguração da sua carteira predial

A Companhia Parque da Varzea do Carmo, importante organização que tem a sua matriz no Rio de Janeiro, vem de inaugurar, na capital, a sua Carteira Predial.

Essa nova organização, um systema de cooperativa é de grande alcance e a sua finalidade é de indiscutivel vantagem para todas as classes.

De ha muito, Bello Horizonte necessitava de uma organização como a que acaba de ser inaugurada.

Ella está destinada a servir bem a todos, advindo desta circumstancia, o contentamento da população.

A INAUGURAÇÃO

A inauguração da Carteira Predial, que está sob a gerencia do Cel. Oscar Paschoal, teve lugar sabbado ultimo, no edificio da Av. Affonso Pena n.º 559, sala n.º 22, onde estão montados os seus escriptorios.

cidadãos que aqui residem desde a mudança da Capital. Por que? Naturalmente porque elle sabe que não existe nenhuma incompatibilidade entre a gentileza e a fortuna. O dinheiro não é uma ilha, nem uma molestia contagiosa. Não pèga em pessoa alguma.

Compareceram ao acto o major Agenor de Faria, pelo interventor federal do Estado; o coronel Alvaro de Menezes, pelo secretario do Interior; Hezick Muzzi, pelo secretario da Agricultura; Moacyr Assumpção, pelo secretario da Educação e Saude Publica; Joaquim Soares Maciel, pelo das Finanças; Antonio Campos Ribeiro, pelo director da Imprensa Official; Marcello Costa, pelo prefeito da Capital; srs. Saulo Diniz, Francisco Lessa e Archangelo Malletta, pela Sociedade Radio Mineira; srs. Pedro E. Ferreira, Castorino José Ferreira, Antonio Barcellos, Alvaro Malletta, João C. Freire e o representante de BELLO HORIZONTE.

O cel. Oscar Paschoal, com a palavra, após a inauguração, e depois de agradecer a presença de todos, analysou, detalhadamente as finalidades a que está destinada a organização que está sob a sua gerencia.

O cel. Oscar Paschoal leu, tambem, um discurso do sr. Carlos Frederico da Costa, presidente da Companhia Parque da Varzea do Carmo, pronunciado ao ensejo da distribuição dos ultimos emprestimos, realizados pela referida companhia no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Finda a solennidade foi servida uma taça de champagne e finos doces aos presentes.

Casa Goodrich

São Paulo 514

Phone 1068

Casa especialista em automoveis e
accessorios

Pneus e acumuladores

GOODRICH

Não façam suas compras, antes de
visitar a

Casa Goodrich

São Paulo 514

Phone 1068

A beleza das mulheres

Uma cabeça bonita preocupa agradavelmente a um homem
Um salão que se fazia necessário

Mulher — a preocupação máxima da humanidade; a suprema creadora da beleza e da bondade.

Mulher — a grande inspiradora dos homens; a única razão de ser da vida.

A mulher é tudo.

E' em torno della que se movimentam o mundo e todas as coisas.

Ella é por isto o ponto principal das nossas observações — do nosso exame e da nossa analyse.

A mulher não passa nunca despercebida a um homem.

Ella é olhada, admirada e pretendida. O seu olhar os seu modo de pizar, a sua elegancia, a sua "toilette", o seu penteado, tudo enfim, soffre dos homens, um rigoroso exame.

A mulher intelligente deve andar sempre prevenida. Ella está sendo observada sempre — constantemente — em toda parte.

A beleza da mulher é a grande, é a principal preocupação dos homens. E não pode haver beleza numa mulher que tenha uma cabeça feia, maltratada, deselegante.

E para se transformar uma cabeça commum ou mesmo feia em uma cabeça maravilhosa, distincta, elegante e artistica é hoje em dia relativamente facil.

A ondulação permanente, a notavel creação dos cabelleiros francezes, realiza no caso um verdadeiro milagre.

A's mulheres, é permitido hoje, sem nenhum trabalho e com uma despesa insignificante, transformar a sua cabeça numa verdadeira maravilha.

O *Salão Capilartiste*, dos abalizados cabelleiros Souza e Soares, da rua da Bahia, 901, faz ondulações permanentes que duram 8 mezes e ás vezes mais, tendo para isso pessoal competente e appa-

relhamento moderno e aperfeiçoado.

As nossas bonitas conterraneas que tão bom gosto e requintada elegancia demonstram para tudo, não devem

da agora uma secção especial, a cargo de eximios cortadores e penteadores, Sergio, Vicente e Domingos, que executarão cortes com o penteado, a 2\$; corte com mis-en-plis com-



deixar de mandar fazer a transformação das suas cabeças, com a ondulação permanente, no *Salão Capilartiste*.

A photographia que encima estas linhas, foi cedida á BELLO HORIZONTE por gentileza de Mme. Souza, após ter feito uma ondulação permanente no "Salão Capilartiste".

No elegante salão foi crea-

pleto, 6\$000; mis-en-plis sem o corte, 5\$000; meias ondulações marcel, circulando toda a cabeça, 3\$000; Manicure perfeita, com a senhorinha Ephigenia, 4\$000 e sombrancheas, 4\$000.

As nossas senhorinhas e senhoras estão de parabens por contar com um estabelecimento de tal natureza que de ha muito já era reclamado.

Salão Capilartiste

Rua da Bahia 901

Phone 3076

Da arte de ser feliz

— Ser feliz!... Como eu desejava ser feliz, ter um pouco de felicidade na vida!...

— Feliz? Mas se o és!

— Eu, feliz? Como te enganaras! Não o sou e nunca o fui... Tudo em mim, toda esta alegria esfusante que venho espalhando pelos caminhos da vida é uma falsa alegria. Uma alegria que ri com as proprias lagrimas que choram dentro de mim a desillusão e o desencanto de tudo, de tudo...

— Mesmo do amor?

— Principalmente do amor — Teus gestos, tuas attitudes, tuas palavras, tudo que dizes e tudo que exterioriza são assim, simples disfarces, para mystificação?

— Que queres dizer?

— Que não tens coração capaz de sentir e de amar um pouco na vida, amando a propria vida...

— Se tenho coração? Tenho-o, sim, e por isso mesmo é que nunca, nunca serei feliz...

— Não creio que o tenhas.

— Por que?

— Não procurarias escondê-lo sob o disfarce de uma mascara... Nem poderias fazê-lo... Como me enganei a teu respeito, eu que julgava ter encontrado em ti a alma e o coração da minha propria felicidade porque, vendo-te assim, sempre alegre sempre sorridente, tive a impressão de que eras uma encantadora "petite fée" a semear a felicidade ao redor dos que não a conheciam ainda...

— Eu... eu, a tua felicidade...

Sera possível?... Não estarás illudido, não, e illudindo-me também?...

— Que tens? Esta estranha commoção...

— E' que tu me fazes feliz, muito feliz...

— Será que... Não, não é possível... Depois do que me disseste...

— Tudo mentira... Tudo medo, receio de abrir-te e dar-te meu coração...

— Minha querida, meu amor?

— Sim. Tua... bem tua, ha muito tempo. A felicidade... Ella existe, ainda, bem o sinto agora...

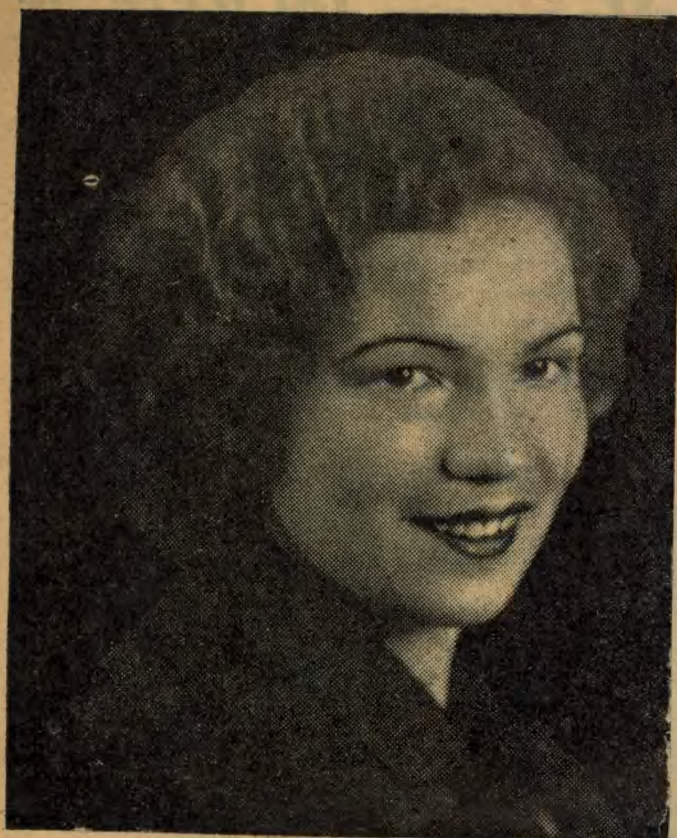
— E está sempre meu amor, bem escondidinha no borralho agasalhador do nosso coração...

MAX LINDER

— Sabes ler e escrever?

— Ora, eu sou até bacharel!

— Mas não é isso que eu pergunto. Quero que me digas si sabes lêr e escrever...



Senhorita Helena Fafini

(Photo Leterre)



Em pensamento...

"Bianca rosa nata in dure spine!"

Petrarca

Meu amor! Meu amor! Meu lindo amor!
"Branca rosa nascida entre os espinhos"...
Quiz haurir-te o perfume embriagador,
Aroma de jasmims e rosmaninhos;

Mas tu, meus encantos, linda flor,
Em pé mostras-te a taça de teus vinhos,
Sorrindo me fugiste... E, sonhador,
De minha alma eu entrei nos escaninhos...

De amor — como thuribulo de incenso —
Poude exultar meu pobre coração,
Pelo do cerebro poder immenso:

Dum beijo me negaste o doce alento;
Mas eu, febril, e em doida exaltação
Abraçei-te e beijei-te... em pensamento!

TRAJANO BRASIL

Vai rirgeiti DIAMANTINENSE Ramos de Carvalho

Manhã morna.
Lá vêm os bois,
Lá vêm os carros
E os boiadeiros também.

Passam cantando,
Cantigas dolentes,
O range-range dos carros
Vai entoando.

Passaram,
Sumiram na volta da estrada,
A cantiga dolente
Também vai sumindo,
Sumindo, sumindo...

Nos meus ouvidos
Ainda escuto,
A triste cantiga
Dos boiadeiros...

Piedade

(Para o Gastão ITABIRANO)

"Vim dizer-te palavras de ternura,
trazer-te o afeto de meu coração"...
E, num gesto tranquilo de doçura,
sobre a minha cabeça pôs a mão.

"Vim povoar a tua solidão,
trazer-te alívio para a desventura"...
E, ao meu lado, postava-se a Visão,
feita de sonho e prece, sonho e alvura.

E a mística Visão não disse mais...
Mas, eu não pude me esquecer jamais
daquele gesto de piedade rara.

Bendita sejas tu, ó mão que afagas!
Que me obrigaste a bemquerer às chagas
que mão nenhuma, antes de ti, tocara!

MELLO CANÇADO

Um cigano moribundo cha-
mour a esposa e lhe disse:
— Olha, o relógio e a cor-
rente de ouro são para meu
irmão.

— Não, Gaspar; são para o
meu.

— Não, para o meu!

— Quero que sejam para o
meu!

— Mas, venha cá: afinal
quem está morrendo, sou eu
ou você?

* *

— E já arranjaste a cozi-
nheira?

— Oh!... excelente! Dor-
me em casa, é muito alegre,
muito cuidadosa com a pro-
pria roupa... só tem peque-
na defeito... Não sabe cozi-
nhar.

**Carlos Bolivar
Moreira**

Tabellião do 5.º offi-
cio e 3.º official do
registro de immoveis e
de protestos de
títulos

Telep. 1113

Av. Affonso Penna, 1136

Bello Horizonte

Para uma mulher sem importancia

EDMUNDO LYS



*Hoje, fiquei a sós, na noite longa e fria...
A sós, talvez mais só, com saudade de alguém...
Esta saudade que é toda a melancolia
e que é toda a ventura de querer-te bem...
Tua lembrança, depois, cresceu nos meus sentidos,
era quasi a presença, era quasi um rumor...
Era o rumor fugaz de teus passos perdidos
longe... Era a sombra dos teus gestos, meu amor...
Fico a lembrar... O teu corpo flexuoso, de haste,
as tuas longas mãos, a curva do teu seio,
a carícia da voz... Porque é que não voltaste
e porque é que, ainda agora, esta saudade veio?
Desde que me deixaste o teu beijo de adeus
e a tua ausência que nunca mais fui feliz...
que vão busquei alguém com uns olhos como os teus,
alguém que eu quizesse com o amor que te quiz...
Volta... Não quero mais este prazer tristonho,
esta tortura de ser teu sem seres minha...
De viver da saudade amarga do meu sonho
que é a nota emocional desta noite sozinha...
E's linda como estás no que ficou de ti,
de tua bocca em flor, do brilho desse olhar...
E o meu maior amor, depois que te perdi,
é feito da delícia ruim de recordar...*

Good-bye dona vida

(Para Paulo Borba)

NAS ALGIBEIRAS DO CADAVER O PROMPTIDÃO NÃO ENCONTROU ESTE BILHETE: —
“DONA VIDA, EU DESISTI: UMA MOCIDADE INTEIRA NA SUA SALA DE ESPERA NÃO É BRINCADEIRA. A SENHORA NÃO QUIZ ME RECEBER. VOLTO PRA TRAZ SEM CONHECER-A, COM MUITA RAIVA DA SENHORA. ANTES EU FOSSE PENETRA. GOOB-BYE.”
... QUE O RAPAZ NÃO ESCREVEU PORQUE ERA VERDADE.

W. Villas



Bely, filhinha do casal Ezequiel de Mello Campos

A secção "Hollerith" dos serviços do Estado Maior da Força Pública de Minas Geraes

Uma agradável visita de "Bello Horizonte" á esse notavel departamento

A Força Publica do Estado já tem funcionando com grande efficiencia a secção "Hollerith".

Os serviços prestados á essa corporação por essas prodigiosas machinas, são de facto inestimaveis.

UMA VISITA AGRADAVEL

BELLO HORIZONTE esteve hontem na secção "Hollerith", dos serviços de Estado Maior da Força Publica de Minas.

Recebidos gentilmente pelo tenente Mario Lindenberg, chefe do serviço, e pelo tecnico e organizador sr. Carlos de Souza Braga, tivemos occasião de verificar as grandes vantagens que advieram para os serviços de Estado Maior, com a introdução ali das machinas "Hollerith".

O tenente Lindenberg declarou-nos que, graças á secção "Hollerith", pôde hoje, em 3 dias, confeccionar as folhas de todas as unidades da capital, serviço que antigamente era feito em 4 e mais dias, para cada unidade.

Dado o numero de unidades que tem a Força Publica nesta Capital, é facil calcular-se a grande demora com que era antigamente feito esse serviço.

E as vantagens da secção "Hollerith" não param ahí — declarou-nos o chefe da secção.

Agora acabamos de introduzir aqui o serviço de fichario "Globe-Wernicke", que nos permite um contróle absoluto de todo pessoal.

Por esse systema pode-se conhecer diariamente todo o movimento de praças e officiaes, fazendo-se annotações completas sobre cada um, o que facilita, no fim do mez, um serviço perfeito e rigoroso de contróle e fiscalização.

Até bem pouco tempo, antes da adopção desse fichario, o serviço era feito por intermedio dos batalhões que eram obrigados a enviar listas referentes ao movimento de cada praça, ás vezes com grande demora e prejuizo para o serviço de contróle geral.

Os vencimentos das unidades estacionadas fóra da Capital — declarou-nos o tenente Lindenberg, — serão também em breve contrólados pela secção "Hollerith", que

para isso já se acha em condições.

O FUNCIONAMENTO DAS MACHINAS

Para provar-nos a facilidade com que hoje se conhecia da situação de cada praça e o modo simples e rapido com que se confeccionavam as fichas de pagamento, o sr. Braga poz em funcionamento as machinas que como pudemos

completam os serviços "Hollerith", da Força Publica:

2.º tenente Mario Lindenberg — Chefe.

Carlos de Souza Braga — Technico, organizador do serviço.

Cicero Ferreira — Funcionario.

Sargento Edezio Diniz — Auxiliar de Secção.

Cabo Luiz do Vale — Auxiliar da Secção.

Senhorita Ephigenia Ferrei-

rossos serviços — disse-nos o tenente Mario Lindenberg — é em grande parte devida á competencia e zelo do tecnico da "Hollerith", o sr. Carlos de Souza Braga, que tem sido o notavel organizador da nossa secção.

FALANDO AO COMMANDANTE GERAL DA FORÇA PUBLICA.

Terminando a nossa visita



Secção "Hollerith dos serviços de Estado-Maior da Força Publica de Minas Geraes

verificar são de uma precisão absoluta e de manejo simples e rapido.

O PESSOAL EMPREGADO NA SECÇÃO "HOLLERITH"

Apezar do grande serviço prestado á Força Publica por essa inegualavel secção, o pessoal empregado não é absolutamente grande, pois se compõe de 11 pessoas, na maioria senhorinhas.

Conseguimos, por gentileza do tenente Lindenberg o nome dos funcionarios que

ra — Funcionaria fiscal.

Senhorita Virginia Brandão — Funcionaria fiscal.

Senhorita Rosinha Silvestre — Funcionaria fiscal.

Senhorita Alayde Villaza — Funcionaria fiscal.

Senhorita Djenula Fróes Leão — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

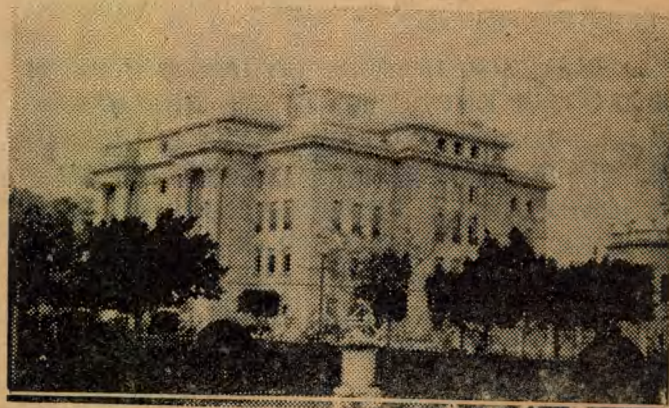
Senhorita Maria Auxiliadora — Funcionaria fiscal.

á importante secção, tivemos occasião de palestrar com o cel. Gabriel Marques commandante geral da Força Publica.

S. Excia. é também um exaltado admirador da secção "Hollerith", reconhecendo-lhe a grande efficiencia.

Graças á secção "Hollerith" — assegurou-nos o cel. Marques, temos hoje na Força Publica um serviço perfeito, organizado e exemplar, de observação, contróle e fiscalização geral.

Edificio da Secretaria do Interior, onde funciona o Estado Maior da Força Publica





Filhinhos do casal João Csenzer

(Photo Instantaneo)

REPULSA

*Eu me senti mais leve do que o ar,
quasi ether,
e joguei os braços leves, leves,
como plumas,
em busca de felicidade:
— ao invés de tua alma
me ofereceste os lábios.*

CASUALIDADE

*Você disse que aquelle poema,
era o meu melhor poema,
que tinha alma,
tinha vida,
exaltação, sinceridade;
Que era bonito como um sonho
e delicado como uma carícia.*

(Casualidade!)

Aquelle poema eu escrevi pensando em você)

CLEONICE RODRIGUES

O Aleijadinho

RUBEN BRAGA

Infelizmente, ainda não li esse ultimo livro de Gastão Penalva sobre "O Aleijadinho de Villa Rica". A pessoa que mais me interessou em Minas Geraes foi o Aleijadinho. A principio, eu não acreditava nelle, como não acredito em Goethé e Gengiskan. E' uma grande coisa, a falta de cultura. Muito confortavel, pelo menos. Pergunta: o que penso a respeito de William Shakespeare? Resposta: um grande homem! E Renan? Um bello espirito! E Marx? Formidavel! Nunca li coisa alguma desses cavalheiros que, em compensação, não leram uma só das minhas chronicas. No fim das contas, saio ganhando. Posso citar Hamlet quando bem entendo, e o William jamais citará Pierina. Eu entendo muito mais a lingua ingleza do que o William entendia de portuguez. Pelo menos sei que "I'm sorry" quer dizer "sinto muito", e o William não sabe que "sinto muito" equivale a "I'm sorry"!

Pobre, poor William! Mas com Aleijadinho não foi assim. Eu o conheci inesquecivelmente em Ouro Preto. Entrei numa igreja desconfiado. Emfim, eu estava em Ouro Preto, e precisava entrar em uma igreja. De outro modo, talvez fosse lynchado pela população. E' verdade que estou ha varios mezes em São Paulo e jamais me abalei a ir ao Butantan, ao museu do Ypiranga ou a Santo Amaro. Mas Ouro Preto é um pouco differente de São Paulo. E', pelo menos, uma cidade mais moderna, porque alli não da homem nem objecto nenhum com 400 annos de idade. Mas lá e cá, fala-se muito do passado. Oh, os bandeirantes! Oh, os incondentes! Eu me limito a murmurar: grandes homens, grandes homens. Grandes, grandissimos homens! Você pôde m einformar perguntei, ao dono de um botêquim de Ouro Preto, onde é que mora o dr. Vicente Racciopi? Pois, não, disse elle, é alli na rua do doutor Claudio. E' ahi que está o encanto irreprimivel de Ouro Preto: Claudio Manoel da Costa continua sendo o doutor Claudio.

Me mostraram o logar exacto de onde Gonzaga ficava namorando Marilla. As duas casas ficam um pouco longe uma da outra, e naquelle tempo, segundo me affirmou o dr. Vicente Racciopi, não havia telephone. Ai, supremo encanto de Ouro Preto. Hoje

já existe telephone em Villa Rica. Existem outras coisas, e existe muito principalmente Joanna, Joanna de Ouro Preto, que arrebatou meu coração. Eu a otpei num baile de estudantes, na rua Direita, e foi inesquecível. Naquelle tempo ainda se tocava ranchera, e nós dansavamos ranchera ao som de varios copinhos de whisky. Era sobrenatural. Pela madrugada, eu fui acompanhá-la até sua casa, junto de suas irmãs. Sagradas ruas de Ouro Preto! Ruas loucas e meditativas, que sobem e descem, tortuosas, sombria, infinitas, abysmaes. Eu tencionava seguramente beijar Joanna. Era bem facil, naquellas ladeiras tão escuras, e as irmãs discretissimas iam na frente, muito longe. Mas na hora de despedida beijei apenas a ponta de seus dedos. Senti vontade de chorar. Gonzaga entrara no meu peito. Joanna era Marilia. Ouro Preto! Ouro Preto!

Vi os santos, vi os anjos, vi os pulpitos, vi as igrejas de Aleijadinho. E pela primeira vez na minha vida comprehendí que um grande homem pôde ser grande de verdade, apesar de todo o mundo dizer que elle é um grande homem. Aleijadinho emociona e arre pia. Elle resumiu na pedra toda a tortura de um tempo. Aleijadinho espanta: foi o primeiro artista que realmente me espantou. Para um homem da minha idade, da minha profissão e do meu temperamento, não ha sentimento mais raro que o de respeito. Jesus Christo é o Jótá Christo, Anatole France é o Tótó, Getulio Vargas é o Gêgê, Edison é o Didi, Humberto Campos é o Bétinho. A gente pôde admirar sinceramente, pôde se commover com esse homens, ser amigo ou inimigo delles, mas respeitar, nunca. A falta de respeito não é uma attitude: é um methodo, é um geito de andar, impossivel de soffrer mudança. Nós tomamos conhecimento da Grande Guerra depois de assignado o tratado de Versalhes, e não fazemos grande differença entre ella, e de Troya e a dos 30 annos.

Todavia eu respeito Aleijadinho, e acho que valeu a pena o Jótá Christo crear uma religião e o "seu" Cabral inventar o Brasil dois mezes depois do Carnaval, só para Aleijadinho fazer aquellas igrejas immorredouras.



Depois da missa das 11 ha grande elegancia na Avenida!

A força das causas faz com que a água desapareça na realidade da Terra; mas é bastante um raio de sol para fazê-la voltar ao céu e tornar-se nuvem aérea, deslumbrante de alvura ou rutilan-

te de púrpura e ouro. Assim é nossa vida. A realidade curva-a a todos os sofrimentos mais é bastante um amor para elevar-a às mais gloriosas alturas.

Carnavalescos ou Não!..

Tenham sempre em vista, isto:

O CHOPP DA
Antarctica

AS CERVEJAS DA
Antarctica

OS REFRESCOS DA
Antarctica

São os únicos aconselháveis para o carnaval

Oyopock 156

Phone 2117

O RELOGIO DA AREIA

Detive-me um momento, na esquina de Oakley Street, para conversar com Mrs. Wheble, que ali estava, esperando um omnibus.

— Que traz o senhor neste embrulho? — indagou ella.

— E' um relógio de areia, — respondi eu, desembulhando-o. Sempre gostei de medir o tempo com um relógio de areia. Como é mysterioso o tempo, quando alguém se põe a pensar nelle! Veja: a areia está cahindo emquanto conversamos. Tenho aqui nas minhas mãos a mais poderoso, a mais enigmática, a mais leve de todas as essencias: o tempo, o melancólico remédio de todos os nossos pezares. Mas, ah! vem o seu omnibus! Vae perdê-lo si não se apressar!

L. P. Smith

* *

Pondo de parte o chinês — por que não ha dados seguros sobre a actual população da China, a lingua mais fallada actualmente é o inglez. Mas de 200 milhões de pessoas se exprimem nesse idioma, na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Australia, Sul da Africa, etc. O alemão é fallado por 80 milhões de creaturas. O italiano e o hespanhol por 50 milhões. O portuguez por 6 milhões de Portuguezes e 40 milhões de Brasileiros, o russo por 100 milhões e o francez por 40 milhões.

Mam d' Caldellas

Embarcou para o Rio, em companhia de sua exma. familia, o sr. Mamede Caldellas, proprietario do Trianon.

O jovem capitalista, do Rio irá para Paquetá e Therezopolis onde permanecerá até o fim da estação calmosa.

EXPLICAÇÃO

Uma actriz com grande fama... recente, lê deliciada as criticas da peça em que desempenhou o principal papel; mas, como também lê ha pouco tempo, encontra, de vez em quando, termos, cujo senso, não apreheende bem.

Então interrompe-se de subito e pergunta a um collega:

— Diga-me... por favor. Que quer dizer anachronismo?

— Minha querida... Definir uma palavra, assim de repente, não é cousa facil. Só por comparação. Mas eu vou lhe explicar. E' muito simples. Quantos annos tem você?

— Eu... a... é... Vinte e oito.

— Pois ahí está E' a isso que se chama um anachronismo.

* *

O dono de uma hospedaria chega, azadamado, a casa de uma médico, e pergunta-lhe:

— Doutor, que porção de gaz é preciso para matar uma pessoa?

— Que diabo de pergunta me vem fazer aqui! Para que quer o sr. saber isso?

— Eu lhe digo, doutor. E' que eu sou dono de um hotel, e um dos meus hospedes suicidou-se esta noite, asfixiando-se com gaz. Queria calcular, que porção ele terá consumido, para metê-la na conta aos seus herdeiros.

ELEGANTES:

para o Carnaval
para o calor...
uma coisa:

TRIANON

a casa chic da capital

Tome nota:

TRIANON

Bahia 911

Empresa Lacti- nio Brasil

A superioridade do produto fornecido por esta notável organização

O leite, cuja alimentação é uma das bases principais do bom funcionamento de nosso organismo constitui sempre um sério problema para a saúde de nossa população, mormente das crianças, que não o dispensa, sabido, como é, do seu valor nutritivo.

Entretanto, os habitantes da capital vivem em constantes sobresaltos com as últimas estatísticas do obituário infantil. Essa mortandade que ultimamente tem se verificado, é proveniente do leite que é distribuído na capital, sem o mínimo asseio, vindo de lugares desconhecidos em vasilhas pouco higienicas e que, ao chegar ao seu destino, já recolheu toda sorte de microbios.

Agora, porém, Bello Horizonte, com a grande conquista que acaba de obter, ficará livre de tais attentados á nossa vida.

Referimos á instalação da grande Empresa de Lactínios Brasil da conceituada firma França Simões & Cia. composta dos srs. Randalpho França e João França Simões figuras de grande projecção nos meios commerciaes da capital. Esta notável organização veio ao encontro das inspirações de todos os habitantes da cidade pois é ella a distribuidora na capital do afamado leite "Brasil" o unico leite pausterizado que se vende em Bello Horizonte. Todos conhecem o valor do leite pasteurizado e as suas vantagens, pois alem de tornar o uma bebida sã, pela eliminação de todos os micro-organismos patogenicos nelle presentes e de prolongar a sua vida pela redução do numero de bacterias acido-laticas, reduz de 99 % a quantidade total de bacterias do leite. Ha ainda grandes vantagens que seria um enfado enumerar-as.

Por tudo isto merece parabens a nossa população por essa grande conquista com um melhoramento dessa natureza.

FILOSOFIA INFANTIL

A 'mesa; ia-se tomar a sopa, quando chegou a noticia do falecimento de uma parente. Um dos pequenos diz gravemente para o pai:

— O' papai, a gente chora agora ou depois da sobremsa?



Maria Haydê, filhinha do casal Francisco Augusto de Ulhôa Cintra

Do meu livro intimo

Rolando Claudiano

Ha quanto tempo ando já nisto? não sei, ao certo; porém, se não me engano, longa data já é passada.

Um ideal, apenas... completa escravisação; corporificação de ancias, desassossegos e timidez...

Côisa estranha! parece que nada resta ao coração, do velho e inconfido orgulho... sinto, vejo e analiso mesmo a incongruência do presente com o passado: á glacialidade do coração, succedeu um luar de esperanças!

Sinto, repentinamente, que me envolve, uma cadeia tão fina, tão tenue... E mesmo tão delicada como a sinto, nada me anima a quebral-a, parecendo-me até impossivel! Sinto que me vou indo, lentamente, para o meandro de um mysterio...

E' a transição da realidade para o ideal!

A's vezes, em cada sussurro, ouço uma pronuncia... Quero estar onde estou!

Se isto é meu mal, não sei porque o bendigo.

A solidão me attrae, talvez por já se ter a alma afeito a ella.

Sinto que me engolpo de uma maneira horrivel, e mesmo demasiadamente, pelos factos e seres da irrealdade! Se isto que sinto é doença creio que para a mesma não ha anthologia possivel. Adejam, em derredor de mim, ou, antes, dentro do meu ser, azas sedosas de um sonho dourado, fascinador, acorrentador que eu não sei de onde me vem.

E' a completa infiltração, em que minha alma de um não sei que de vago e indefinido.

Tantos cuidados e receios, de perder um bem intangivel,

mas que sei que existe, nunca me accudiram á mente!

Sentado e envolvido na solidão de um jardim, alta noite, tendo por unico companheiro o mysterio de que me achava possuido, ha muito tempo já, — abandonei-me á sua mercê.

A lua, lá ia esplendidamente, muito pallida, pelo espaço em silencio, a noivar ethericamente; um perfume setinoso trescalava as noctiflores; um lençol de prata na cama do arvoredo, onde as auras, murmurando uma poesia de angustia, se desfaziam a gemer.

Em tudo eu pensava, fiz-me sentimental e a emotividade fez-me sua preza.

De um momento, eu nada enxerguei; voára-se-me a alma a alguma região insondavel, e apesar de sentir bem abertos meus olhos, senti-me cego; pela alma, talvez... Quando volvi a mim, surpreendi meus labios, como os de um monge numa prece contricta, pronunciando baixinho, e muito a medo um nome! A face me estava molhada de pranto! Penso, por isto, que estou preso a "alguem" pelo sorriso e olhar; — creio que estou amando!

O ALFAIATE

— Então quando é que o senhor pagará sua conta?

— Essa sua pergunta me tras á lembrança um sobrinho de três anos que eu tenho.

— Porque?

— Porque éle também tem o costume de me embarçar com perguntas que não sei responder.

Esquecer?

Esquecer! Amar, fremir, ser todo de um affecto; por elle viver, soffrer, arrastar todas as difficuldades, todos os revezes; embalar os mais encantadores sonhos de ventura, antever o Céu — e porque tudo ruiu um dia, esquecer, olvidar, viver a vida dos que ainda não viveram? Nunca!

Contra o esquecimento ergue-se um sentimento maior ainda do que o amor, porque é o proprio amor elevado no sentido superlativo: a saudade...

A saudade fica, fica sempre, eternamente, vibrando dentro em nós como um immenso carrilhão de funebres dôres, que estivesse badalando a cada instante os dias, as horas, até os minutos em que a lembrança deve recordar o passado, reviver na memoria a historia que já vae na penumbra do tempo, mas que immorredouramente andará embutida em nosso cerebro como parte integrante do nosso "substractum".

Maldita seja a saudade que me acompanha; maldita sejas tu, oh! lembrança adorada, tu que vives commigo como se fôra a minha sombra, tu que me persegues, que me atormentas, tu que me alucinas; maldita sejas tu, recordação querida, tu que me arrancas as lagrimas quando eu quero sorrir, tu, que me deturpas os sons que eu quero escutar? tu que me falas do tempo ido, do tempo em que vivi feliz; maldita sejas por todo o sempre, memoria dulcissima, tu que me envenenas os dias derradeiros da existencia, que exacerbás o meu pensar, que infiltras mysteriosamente em todas as sensações que eu experimento por me ver contorcer de dor; maldita sejas tu qu'enunca me concedeste a ventura de poder outra vida que não fosse a dos padecimentos com que soffri; maldita, mil vezes maldita sejas tu, que não me restitues a minha amada, e que ha tanto tempo, como um fantasma de dor, circunda-me, mentindo-me que ella está sempre ao meu lado! oh! a saudade!

Antes não existisse o amor.

Porque, pagar com o preço da saudade os instantes fugazes de um encantamento que dura menos do que uma hão intenção, é pagar demais caro um goso que durou um dia e barato demais um padecimento que leva a vida inteira.

Esquecer?... Nunca! Morrer é bem melhor que esquecer!...

RENE' GARDENIA

ORGULHO MINERAL

O homem veio... lançou fogo ao rastilho e, enquanto
Fugia, enquanto o Sol na pompa do zenith,
Clareava o Kosmos todo, acariciando o helianto,
Estrondeou... retumbou... bramio de serra em serra
O estampido brutal, o eco da dinamite,
Que extremeceu a terra.

E o homem sentiu-se, então, vencedor. Era a gloria
Do racional contra a materia bruta,
Homem dominador, prompto para a vitoria!

E á montanha voltou, tal si intangível fosse,
Mas... tentando encetar, de novo, nova luta,
O bloco despenhou-se.

* *

Tantos sonhos sonhára de ouro, tantos e um lamento
Chora na voz do vento,
Apregoando ao redor que é finda a luta ingente
E o explorador vencido inesperadamente.

* *

Minada ao explodir daquela força estranha,
— Como um grande canhão apto para o combate,
A montanha venciã, a orgulhosa montanha,
Lança balas... o ferro... as pedras... o granito,
E o agressor aturdido ante a lucta que o abate,
Baqueia no conflito.

Gastão

Itabirano

Desperto o mineral de seu somno profundo.
(Leão quieto na furna ameaçado de morte),
A reação se operou n'um rápido segundo,
E o pobre homem sentiu ferido o mesmo braço
Que a mão lhe fez mover contra o rochedo forte,
Por extranho estilhaço...

Castigo extraordinario: A' ambição de riqueza
Muitas vezes se opõe a alma da pedra e a rocha.
Ao em vez de desfazer-se em prata... ouro... turquesa,
Em ruínas se desfaz e o explorador sepulta,
Longe do solo, sem o brilho de uma tocha,
Dentro da terra inculta.

E ó misero mineiro, és a inconsciente vitima
Dessa revolta cega e bruta da Creação.
A Natureza tem sua força legitima:
E' virgem — abre o seio ao homem que trabalha,
E' mãe, — fal-o viver e lhe dá vinho e pão,
E' assassina, o amortalha.

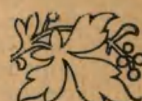
* *

Testemunha da luta, o Sol, regio e potente,
Lançava sobre os dois o ultimo olhar amigo,
O homem, louco, gemia ás ancias do castigo,
E a montanha voltava a dormir novamente.



Footing na Avenida, depois da "matinée"

(Photo Instantaneo)



ADIVINHA

Num serão, para matar o
tempo trocavam-se adivinhas.
Eis senão quando aparece
esta:

— ? Que é, que é, pequeni-
no, muito amarelinho, que se
tem nunca gaiola em casa,
cantando lindamente, e com
quatro pernas ?

Todos parafusaram o mais
que poderam, mas não hou-
ve meio de ninguém acertar.
Havendo todos desistido de
resolver o caso, foi o pergun-
tador convidado a dizer o que
era.

— E' um canario!

Todos protestaram.

— Poderia ser, e nós todos
teríamos adivinhado, se vo-
vê não falasse em quatro per-
nas. O canario não tem qua-
tro pernas.

— Pois não! — diz o in-
terpelado —, mas foi para
tornar a adivinha mais difi-
cil.

Primeiros anseios de libertação

("Pontos de historia curta do Brasil")

João Dornas Filho

A riqueza mineiral do paiz, quasi toda de aluvião, não tardou muito a rarear. A fome secular da Peninsula, associada á voracidade de Roma e de Londres, exauriu em dois seculos todo o ouro e diamante que dormiam á flor da terra.

Nada como os numeros. Só o reinado de D. João V absorveu do Brasil a insignificancia destas cifras:

130 milhões de cruzados.
100 mil moedas de ouro.
315 mil marcos de prata.
24.500 marcos de ouro em barra.

700 arrobas de ouro em pó.

392 oitavas de peso.
40 milhões de cruzados de diamante (1).

"Além de tudo isso, o producto dos impostos e dos quintos, assim como o monopolio do pau brasil, rendiam annualmente, para tesouro, cerca de um milhão e meio de cruzados." (2).

E, como os metaes e as pedras preciosas já rareassem, a Corôa, entendendo que o decrescimento da extração fôsse patifaria dos mineradores, entrou a apertar o arrocho das exigencias: fiscalização rigorosa, impostos monstruosos, tortura, cadeia, deportação e forca.

Já o Brasil tinha alguns brasileiros. Pouco identificados, comprehensão vaga de patria, mas em todo o caso brasileiros. Mais do que brasileiros, entretanto, eram pobres torturados indefesos, entregues á discricão de uma cobiça desmedida.

Não comungo o sentido da frase feita de que Minas seja o "berço das nossas liberdades" com a desprendida latitude que lhe querem dar. Minas usou o de qualquer outro povo usaria: a legitima defesa. Aqui estava o que Portugal exigia — ouro e diamante. Para aqui, portanto, os rigores e a prepotencia. Daqui, logicamente, sem nenhuma gloria e talvez com um tiquinho de ridiculo; as tentativas de liberdade. Mesmo assim, tudo tão mal feito, tão sem a alma do povo, tão quichotes-camente arquitetado — que um morreu atado á cauda de cavalos bravios e outro, como mais teatralidade, dependurado de uma corda.

Ficou, todavia, um exemplo e esse aviso: caso fosse possivel outra rebelião, não admittir que dela fizessem

parte poetas cretinos e sonhadores imprudentes. Não se fazem revoluções com a alma derramada em bobagens.

A não ser a Irlanda, que tem o record das revoluções annunciadas, povo nenhum se libertou da tirania com poemas idiotas e discursões de manifestação publica.

O que deflagra revoluções é a consciencia da tirania positada aos olhos do povo pelos elementos que a identificam: cerceamento das liberdades de pensamento e de locomoção, depressão economica, etc. Versos, nunca.

(1) — "Ouro de Cuiabá" — Paulo Setubal, reportando-se a Oliveira Martins e Visconde de Santarém ("Quadro Elemental").

(2) — Idem.

Galanteios

O homem verdadeiramente sabio nada espera do bello sexo. O julgamento de Virgilio é exacto: *varium et mutabile semper Foemina*.

Ha mulheres que são semelhantes ao crocodillo. Para prender o homem, choram.

Depois... Todó mundo sabe como é terrivel depois.

Apesar de todos os seus defeitos, a mulher tem alguma utilidade. E' uma catastrophe necessaria.

PAULO FREITAS

A ESPORA

Por via de regra, os homens que se acham em contacto mais directo com a natureza são mais honestos do que os que vivem aglomerados nas cidades. Não faltariam exemplos para provar semelhante asserção, porém, vou limitar-me a um unico.

Visitei certa vez um fazendeiro ainda moço, que succedera a seu pae, falecido pouco antes, na administração da fazenda.

Ele ainda estava de luto e falou-me do velho com muito respeito e muita ternura. Durante a conversação mais de uma vez lhe vi brilhar nos olhos uma lagrima de saudade.

— Tenho varias lembranças dêle, disse-me. Depois do almoço nós vamos dar um passeio pela fazenda e, na volta, eu lhe mostrarei essa cousa, pelas quais tenho grande veneração, sobretudo por terem pertencido a um homem que, não é por ser meu pai, era imensamente honesto.

O almoço foi excelente. Nós, dispepticos da cidade, quando ainda temos um res-tinho de reacção, sentimos um apetite voraz pela comida da roça, fumegando na louça rustica sobre uma mesa tosca. Mas o apetite entra pelas janelas, trazido pelo ar puro, por um sol caricioso, coado pelo arvoredado de um verde brilhante.

Se o almoço foi excelente, o passio foi excellentissimo. Quem só anda de bonde e de ônibus, sente um grande encanto ao cavallinho manso e

de boa marcha, dêsses de que os roceiros dizer, convitos:

— E' uma rêde!

Nada escapou á visita: curraes, chiqueiros, paíões, engenhos, cafezaes, pomares, hortas, galinheiros, represas, moinho, tudo foi minuciosamente examinado e explicado com a vaidade natural daqueles que possuem belas cousas e se sentem bem instalados na vida.

Regressámos, enfim, á Casa Grande, onde a mesa já estava posta para a merenda, que retardou um pouco a exhibição das reliquias.

Havia na casa um quarto que tinha sido o escritorio do velho agricultor e que o filho conservava intato, apenas envidraçado, onde se viam numerosos objetos de uso, a maioria destinados á equitação e á caça: uma espingarda, um arreio quasi novo, um grande chapéu de couro, um ponche, uma bolsa para fumo, dous ou três chicotes, um isqueiro, diversas facas, uma garrucha e ainda outras cousas. Dentre os artigos dêsse pequeno museu destacava-se, porém, uma espóira de prata, muito reluzente.

— Uma espóira só? perguntei.

O fazendeiro esboçou um sorriso de bondosa malicia.

— Era uma mania do velho, coitado!

— Usar uma espóira só?

— Eu lhe explico. Meu pai tinha a mania de comprar e vender cavalos. Como era homem sabido para negocios, sempre que comprava um cavallo, pagava metade á vista e metade a prazo. A's vezes, quando pagava a outra metade, era porque já tinha comprador. O resultado é que êle quasi sempre se utilizava do animal cujo preço só estava pago pela metade e, como era um homem muito consciencioso, achava que só podia esporear um lado do cavallo.

Professor — Menino Paulo, que é que separa o riso das lagrimas?

Paulo (depois de pensar um momento, e de tomar uma attitude triunfante) — O nariz, sr. Professor!

**Batei e abrir-se-vos-á
Pedi e dar-se-vos-á**

Isso é da biblia, entretanto V. S. tem se esquecido de bater ás portas da

LOTERIA DE MINAS

e pedir-lhe a sua felicidade.

Um bilhete da Mineira pode quebrar os grilhões da sua necessidade.

LOTERIA DE MINAS

Extrações todas as quintas feiras

Azul e Branco

Por Guilherme SILVA

Domingo, 7 — O calor está simplesmente insupportavel. Ponho-me á vontade e abro um livro qualquer para distrahir-me. Nada.

Vou ao chuveiro. A agua tomba, pesada e boa.

Que cousa maravilhosa é o chuveiro num tempo desses! Quem terá inventado o chuveiro? Dizem que foi um portuguez... Elle tinha em casa uma caixa d'agua que não parava de vaziar. Queimou-se com o negocio. Punha solda, mas dahi a pouco ella abria a bocca outra vez. "Engirisou-se."

Um dia tirou a roupa e lavou o corpo ali mesmo na cozinha. Escandalo. Ataque nas mulheres dos vizinhos. Policia. Hygiene e Saude Publica.

A invenção foi aproveitada e o portuguez applaudido!

* *

Olho o céu. Todo azul e branco. Azul que nenhum pintor imita e branco só comparavel ao "iciberg". Formidaveis.

O calor faz a gente suar. Mais um banho de chuveiro.

* *

A victrola do vizinho grita desesperadamente:

"Azul e branco,
São as côres da bandeira
Desta terra brasileira..."

O meu papagaio sertanejo já sabe uma porção de letras de musicas carnavalescas.

Aprendeu mais essa da victrola do vizinho:

"Azul e branco, etc".
Tapo os ouvidos e rallo com elle. Elle me entende. Cala-se.

* *

Dou uma volta pela avenida. Nem uma cara nova. Tudo na mesma. Só aquella moreninha da rua da Bahia comprou um sapatinho azul e branco que estava exposto na "Casa Bristol"...

Puxa!... Que linha! Vem lá um par, sorvete dos pés á cabeça. Chega mais perto... Vêjam só que "furo"! Ella tem os olhos azues.

* *

Hoje estou de sorte. O azul e o branco me acompanham. Devo tirar na loteria.

BILHETES

Nesta secção publicaremos todos os BILHETES que nos forem enviados com o coupon abaixo, desde que, nos mesmos, sejam respeitados os limites do bom-senso e da moral, não excedendo uma folha de papel commum.

Ao R. M. F.: —
Volta meu amor... meu lindo sonho... volta porque eu não conseguirei jamais esquecer-te...

Volta meu grande amor! É a minh'alma que te pede... é essa alemã que te adora, que te quer profundamente, porque eu nada sou na sua vida... Vem R... trazer um pouco de luz ás trevas do meu coração j'atão cansado de sofrer e de chorar a tua ingratidão... o teu cruel abandono! Vem! Vem trazer um pouco de alegria a tristeza imensa da minh'alma.

Vem! Bem sabes que és o unico recanto da minha vida infeliz... que és a unica esperança de Felicidade para mim que nunca... nunca fui feliz... Se sabes que és o meu Rei e meu Deus porque tardas tanto? Vem R... eu te amo muito... muito... demasiadamente até! Queres que renuncie a toda e qualquer esperança? Por ti farei qualquer sacrificio... até o sacrificio supremo que é a renuncia da vida...

Ja fui uma desiludida... uma vencida da vida. Mas... lembra-se da noite chuvosa e triste em que nós nos conhecemos? Hoje não mudou para mim... porque eu te amo!

Cymene.

LOURDES — Desde daquelle inesquecivel data em que tive ensejo de conhecê-la, foi quecido para sempre no deserto da desventura. justamente quando comecei

idealizando o sonho em que não parecia-me ser a eterna illusão de minha vida.

Mas estou certo que irás arrepender e que não serei o unico que foi illudido e es-

Esta recordação ira illuminar o teu espirito e verás, depois, com os olhos da alma, o sangue que mancha meu coração, a chaga que o consome, rasgado e despedaçado pelo punhal frio de tua ingratidão.

Ingrata! que fizeste de meu coração? Que fizeste alma de granito, quando eu, junto de ti, sonhava com a felicidade! Jamais julguei no teu olhar a trahição de que eu era victima. O amor cegou-me e eu só via a felicidade, amando-te com ardôr, como ainda te amo! Apesar da tua ingratidão, eu te perdôo, retribuindo

do de todo coração, o mal que me fizeste em paga de todo bem que ti fiz.

Beija-te as mãos o teu —
Thereduhino.

PARA VOCÊ... — Quando na noite horrivel de minha angustia eu divisei, entre o esplendor suave da lua, o teu perfil lindo, o meu coração ancheu-se de uma luz nova, desconhecida.

Tú apparestes qual uma es-

trella maravilhosa, resplendente, eclipsando no silencio do passado, as paginas de minha existencia de prantos.

E eu sonhei muito contigo, com tua imagem de mulher-petala, mulher-sonho, mulher-deusa!

A luz inebriante de teus olhos castanhos, que eu fitei demoradamente, cegou-me a alma.

E quando a noite vem cahindo silenciosa sobre a terra com o seu manto negro pontilhado de estrellas, eu pensa em ti... nos teus olhos luminosamente angelicaes... E você ainda duvida! E é por isso mesmo que eu tenho um desejo louco, que me alanceia a alma o coração, de dizer-te tudo, tudo o que sinto.

Mas para que? Para que, minha menina de olhos travessos, se eu tenho medo, muito medo mesmo, que de teus labios desabroche um sorriso calmo, frio, ironico, que talvez mate para sempre a illusão esplendida que trago assim avaramente, no mais intimo de meu coração, no meu cerebro ardente de sonhador.

Para que, se tú és a creatura sublime, o objecto perenne de meus sonhos. Para que, minha encantadora bo-

COUPON PARA "BILHETES"

Nome ou pseudonymo

Data da remessa

neca de porcelana, se você comprehende tudo, tudo...

Para que? — FREDDY. ...

"Bello Horizonte"

Revista Semanal

DIRECTOR:

Augusto Siqueira

Preço 400 reis

Atrazado 600 reis

REDACÇÃO

Amazonas 119

Phone 1433

Bello Horizonte

Antes de adquirir um relógio ou uma joia,
deve se lembrar

PADUA

a Joalheria que tem o maior sortimento e as novidades mais estonteantes.

Joalheria Padua

Bahia, 868

Phone 1764



O GENIO NEGRO

Nenhuma pessoa que se dedique com sinceridade ao estudo da personalidade humana pode ficar satisfeita por muito tempo admitindo que o talento é patrimonio de uma só raça, porque os passos que os valores, tais como as terras, os castelos e os privilégios civis e sociais foram quasi sempre, através da história, possuídos por determinados grupos ou raças, é um facto psicológico patente que, em igualdade de condições, qualquer ramo da árvore humana é capaz de produzir ótimos frutos. A espécie caucásica tem gozado, há muito, de certas vantagens sobre a etiópica; mas que haja algo superior no sangue, os ossos ou a pele dos povos mais inteligente, é uma hipótese que cada dia cai mais em desuso.

Seria bom que nós, os orgulhosos saxões, recordássemos que não ha muitos séculos, nossos distintos antecessores lutavam com a mesma dedicação e selvageria que caracteriza hoje em dia os esforços do canibal africano; que nenhum dos grandes inventos da humanidade foi produto dos chamados nordicos, nem sequer de uma raça européa; e que os descendentes dos duzentos e quarenta e seis milhões de homens que constituem a população negra que povoa atualmente o mundo, estão destinados, caso continuem a existir, a observar o mesmo processo de desenvolvimento intelectual que nós.

Por ser digno de se fazer notar como facto interessante, ao que por uma regra geral se presta pouca atenção, mencionarei o de que a maioria das figuras preeminentes, artisticas e intellectuais, são os negros mais negros do mundo; facto que por si só deveria invalidar a crença popular de que a raça negra chegue a ter valor sómente depois da injeção do sangue branco.

O dr. Whitherspoon, reitor da Universidade de Princeton, fez uma brilhante experiencia com um rapaz perfeitamente negro, de dezoito anos, a quem enviou ao collegio "William and Mary", depois de lhe haver dado a educação elementar em sua propria casa; e este rapaz, de nome John Chavis, chegou a ser estudante distintissimo e a dar lições a muitos dos filhos e filhas das mais aristocráticas familias do lugar.

No terreno da musica, o negro é mundialmente reco-

nhecido como pessoa que para ela possui aptidão natural, embora o vulgo não tenha percebido que essa aptidão seja um verdadeiro gênio creador; e a prova é que o negro é a fonte de onde saiu todo o verdadeiro movimento musical em territorio americano. Seu manancial inesgotável do folk-lore, lendas e canções, não sómente enriqueceu a literatura americana, mas também deu ao mundo motivos musicais estranhos e cheios de colorido, tão origi-

nais e emotivos como os dos camponeses russos e húngaros. Seus cantos espirituais são genuínos inimitáveis e ricos em poder emocional profundissimo.

Em todos os géneros musicais desde a canção até a opera, os compositores negros se distinguiram grandemente.

As canções, óperas e musicas de camara dos mestres contemporaneos da harmonia, tais como Samuel Coleridge, Harry T. Nurleigh e R. Ro-

Ernest Seeman

samond Johnson conquistaram a aceitação e fama internacionais.

Si vamos para o terreno da escultura, até ha pouco estávamos ignorante da quantidade enorme de riqueza artistica que guardavam consigo os negros da Africa Central, onde a arte escultorica foi a mais primitiva e, portanto, creadora. Os conhecedores franceses perceberam imediatamente a significação das estatuas negras, comparando-as favoravelmente ás esculturas dos clássicos gregos. O trabalho do negro antigo representou um papel não menos importante para nossa época que o que representou a arte clássica ao inspirar a Renascença.

E' um facto inconcuso que a escola africana, primitiva influenciou poderosamente na maior parte dos mestres, aceitos agora como líderes da escultura, pintura, musica, poesia e drama contemporaneos.

Muitos negros americanos alcançaram elevada posição como escultores: em 1865 a obra de Edmonia Lewis atraia a atenção do mundo artistico, e na exposição de Filadelfia, em 1876, sua "Morte de Cleopatra" conseguiu um triumpho sensacional. Uma das melhores discipulas de Rodin foi Meta Vaux Warrick, jovem de Pennsylvania, e sua obra prima "Os Miseraveis", foi exibida em Paris em 1903.

O negro revelou, tambem grande talento no terreno da pintura. Velazquez, no século XVII, tinha percebido a extrema sensibilidade do homem negro, ante a forma e a cor, e com verdadeira visão de artista, dedicou-se á tarefa de ensinar pintura a um de seus escravos, Juan de Pareja, cujo "Capuchinho" tinha de chegar a ser uma das pinturas mais apreciadas da familia imperial russa. Entre os pintores negros modernos, temos Henry Tanner, que conquistou grande distincção nos circuitos parisienses, e conseguiu a honra do governo francês comprar-lhe várias de suas obras, para o museu de Luxemburgo.

No campo da poesia, o negro veiu manifestando, por séculos, grandes qualidades de reflexão e psicologia. Antarah ben Shedad el Absi (Antar el Leon), foi um guerreiro valente e o poeta maior de sua época. O poeta Juan Latino, que Cervantes menciona em Don Quixote, era negro afri-

**a VIDA é uma bôlha
de sabão:**

Um leve sôpro a destrôe

FAÇA, HOJE, O SEU SEGURO na

A EQUITATIVA

Amanhã poderá ser tarde

ESCRITORIO

Praça 7 de Setembro, 682

PHONE, 3442

BELLO HORIZONTE

cano, capturado e conduzido á Europa pelos comerciantes espanhóis de escravos. Chegou a ser professor de gramática, grêgo e latim na universidade de Granada. Alexandre Pushkin é famoso entre os poetas russos. Enfim, há uma longa lista de poetas americanos que são negros.

A novela e o drama foram enriquecidos, igualmente, por negros geniais. Na França, Alexandre Dumas, pai, assim como seu talentoso filho, foram um manancial de obra realista e de novela que ainda se lê extensamente. Em 1922 se outorgou o premio Goncourt, destinado a melhor novela do ano, a René Maran negro africano, como compensação de sua obra "BATHALA", novela vigorosa, realista, da vida primitiva da Africa.

Na "mise en scene" dos dramas de Broadway" o gênio do negro foi sempre uma força dinamica, ainda que nem sempre totalmente reconhecida. Os notaveis dramas "Estorsão e Aparências" foram escritos por um empregado negro de um hotel de São Francisco. Sem preparo algum o autor, Garland Anderson, nos apresenta um exemplo maravilhoso de perfeição na técnica, sem ter mais instrumentos que sua inesgotável imaginação e sua penetração da vida.

Como inventores, os negros ocupam lugar preeminente. Há mais de quatro mil patentes nos Estados Unidos de Norte America que pertencem a negros. Sómente Elijah Me Coy possui cincoenta e sete, quasi todas relacionada com a lubrificação de maquinaria.

INVOCAÇÃO

Contai, florestas amazonicas, ao passar do vendavall
Curvai, palmeiras delgadas, vossas frondes gentis ao sopro da briza fagueira!

Contai, virgens selvas multicores, ao ranger do bambuzar viçoso; cantai com os gorjeios silvestres do carachoe; cantai com os accordes vespertinos do japiim, que tem seus ninhos pendentes dos galhos ribeirinhos.

Cantai, em festas, com a orchestra retumbante da vossa fauna! E no sorriso verde de vossa flora tropical!

* *

Chorai com o pio melancolico do anum agoreiro, que tem nas penas as trevas da noite. Chorai com o estridor monotono das guaribas, que gemem em vossos seios ao cahir da tarde. Chorai lagrimas de leite ao golpear impiedoso dos seringueiros no lombo roliço da hevea al-tiva. Exalai suspiros perfumados quando vos beijam saudosos os ultimos raios do sol poente. Recendei os odores suaves de vossas entranhas na baunilha que perfuma o banho das morenas selvagens.

Soluçai no marulho das aguas correntes que roçam as humidas varzeas. Soluçai com o uivo dorido da onça indomavel que fareja na calada da noite o sangue da preza ou chamma impaciente o companheiro para as nupcias selvagens.

Com o arrulho da juryty, que pisa vossas plagas com ligeiros pés?

Com o grito soturno do pavão que casa em suas penas toda a vossa magica polychromia. Chorai, pois vossa alma lyrica se traduz no pranto perenne. Chorai com

o caudal gigante das aguas amazonicas e no desabar incessante dos aguaceiros fecundantes.

* *

Ride com o descerrar da aurora, na festa matinal da passarada. Ride com o sorriso espectral de vossos céus incomparaveis. Ride com o sorriso ardente do sol que vos envolve em seus olhares calcinantes. Ride com o botão que se abre em flor, nas manha, em aromatico sorriso. Ride com o fructo que madura. Com o ouriço da seringueira, semeando vosso solo uberrimo com as sementes da esperança... Com as palmas recentes que se abrem para as caricias do sol enamora-

receber em suas verdes faces do... Ride com o farfalhar da folhagem ao vaguear da aragem mansa. Ride, que tudo em vós sorri. Gargalhai á margem da torrente com as aguas que se arrojam em sonoras cachoeiras. Com os bandos tagarelas das araras que rompem vossos espaços com seus gritos estridentes.

Gargalhai com o ribombo do corisco, rompendo, deslumbante, a imensidade dos céus nas roxas tempestades. Com o estrondo da massaran duba que o tufão arrebatou pela raiz. Com o fragor da pororoca que leva seus bramidos a leguas de distancia e põe em correria as feras temerosas. Com o rumor da sucury, coleando nas aguas, como disparada de monstros e titans.

EFE

A' quem nunca esquecerei

Por FREDDY

Horas mortas, sosinho, medito a bórda do caminho da vida. Penso — Em quem? Em você que sorriu, talvez, da minha magua. Quão triste é a vida sem ti!...

Sem ti, querida, tudo é vago, tristonho e morto. Jogaste-me no oceano de teu indifferentismo e eu caminhando pela noite a fóra recórdo o nosso sonho, e o meu coração extorce de dôr, desfiando um rosario de lagrimas por sobre o altar violaceo de uma immereduora saudade...

Ao longe soluça surdamente um violino, ao mesmo tempo que o sino da Cathedral bate as doze tectricas badaladas da Meia-Noite.

Mais um dia que passa. Mais uma pagina virada no livro negro da existencia. A amargura da sorte. Terrivel riso do Destino. E a minh' alma chóra, meu coração soluça. Eu te chamo baixinho: Volta queriada. Eu te quero muito... muito... Volte, e eu serei feliz como um passaro que vóa contente na amplidão do ar.

Mas você não vem, e eu sinto que minha mocidade se vae esvaindo lenta e tristemente, por entre os espinhos cruciantes de teu despreso que é uma chaga dolorosa em meu coração torturado pela desillusão. Sinto que me vibrava a vida na belleza de teu rosto na tristesa de teus olhos enlanguescidos.

E relembro o dia em que partistes, uma tarde azul de

primavéra, para nunca mais voltar... E eu senti que rolavam lá de cima, do infinito de nossos sonhos as lagrimas tristes da tempestade que desabava sobre o nosso amor sobre os anseios de nosso ideal.

E n'um occaso rubro de dor e de paixão, morria para todo o sempre, sem um alento sem um unico adeus, o nosso amor o nosso imenso amor...

HOJE...

Tanto tempo já passou. Hoje nada mais somos um para o outro.

Se nos encontramos, é por acaso, na hora do chá na Colombo ou, simplesmente, esperando um omnibus.

Temos então um cumprimento muito cortez e muito indifferente.

— Como são banaes e descoloridas as palavras que trocamos...

E recordo as loucas confidencias em que me mostraste o delicioso poema de sonho e futilidade que é a tua alma — versos ternos de Olegario Marianno... uma cigarrilha perfumada... luar na praia...

Tudo isso passou...

Hoje... nada mais somos um para o outro.

Tu, com um passeio vertiginoso de "baratinha" ou a dolencia de um "blue", enches a nullidade sorridente de tua vida.

E eu, absorto na miragem do meu lindo sonho, continuei a amar-te... — PAULO.

Para a sua casa, para o seu escriptorio, para a sua sala, para o encanto de sua residencia

MUSGO MARINHO

em vasos elegantes e distinctos

Flora Barbacenense

Bahia 917

Phone 1418

MUSGO MARINHO

é a graça de uma sala

Procure conhecer Musgo Marinho

Fabrika de Calçados Bellorizonte, Ltd.

Rua Platina, 271 — Caixa 57 — Fone 2948
Bello Horizonte - Minas

Calçados { **"ROYAL"**
"ATLANTA"
"BELLORIZONTE"

O melhor calçado

Os menores preços

Calçados para homem, senhora e creança

Sapatos Luiz XV ultra-modernos mode-
lados pelos figurinos de Paris

"CASA BELLORIZONTE"

Secção de Varejo

Avenida Affonso Penna, 518

FONE 1956

Comprem o que é nosso

O que é de Minas

M I N A S

E' a terra do leite, mas do leite bom

LEITE BRASIL

È O LEITE RECOMMENDADO

Tenha V. S. todo cuidado com
a saude de SEUS FILHOS, DE
SUA SENHORA, DO SEU VELHO
PAE, DA SUACARINHOSA MÃE

L E I T E

é um grande alimento mas deve ser **LEITE BRASIL**
que é sadio, substancioso e bom

Leite "Brasil"

Engarrafado com rolhas metalicas

Unico no Brasil

Bebam **LEITE BRASIL**

Avenida Brasil 760

PHONE 1405